

## **13 Reasons Why: Educação em sexualidade e análise dos comportamentos e situações da série**

### **RESUMO**

Marília Frassetto de Araujo  
E-mail: marilia.frassetto@gmail.com  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, São Paulo, Brasil.

Ana Luísa Rosilho  
E-mail: alrosilho@gmail.com  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, São Paulo, Brasil.

Célia Regina Rossi  
E-mail: creggina@gmail.com  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, São Paulo, Brasil.

O artigo buscou discutir, a partir da primeira temporada da série “13 Reasons Why”, no Brasil: “As 13 razões do porquê”, algumas situações e comportamentos dos/as estudantes e funcionários/as da escola. O discurso cinematográfico pode vir a ser um instrumento que reproduz padrões, entre eles os de gênero e de comportamentos. Para isso, foram discutidas a sociedade moderna na concepção de Bauman, o *sexting* e questões relacionadas à educação para a sexualidade no contexto escolar, considerando os documentos vigentes no Brasil quanto à temática. Na série, a escola é apresentada como um lugar onde se educam as mentes, sem considerar os corpos, quando é previsto a escola como local adequado para tais discussões e problematizações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade líquida. Educação em sexualidade. Adolescentes.

## INTRODUÇÃO

O artigo buscou discutir, a partir da primeira temporada da série “13 Reasons Why”, no Brasil: “As 13 razões do porquê”, baseada na obra literária “Os 13 Porquês” de Jay Asher, algumas situações e comportamentos dos/as estudantes e funcionários/as da escola, além da necessidade da educação para a sexualidade com base nos documentos que baseiam a educação no Brasil.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 14) - BNCC - documento atual que ampara a educação no Brasil, prevê que a escola

deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.

Porém, o fácil acesso as diversas mídias tiraram da escola o privilégio na produção das subjetividades. Karla Saraiva e Alfredo Veiga-Neto (2009, p. 197) afirmam que

Antes do aparecimento de tecnologias capazes de promover a cooperação entre cérebros à distância, as estratégias para produção da subjetividade mobilizadas nos encontros face a face tinham pouca concorrência. Os dispositivos capazes de atingir cérebros à distância vêm disponibilizando, especialmente a jovens e crianças, um novo repertório de valores e de comportamentos, muitas vezes conflitantes com aqueles que são apresentados nos ambientes escolares. (...) Muitos dos comportamentos que hoje proliferam nas escolas e são entendidos como indisciplina podem ser mais bem compreendidos no quadro mais amplo das sociedades de controle.

As relações entre os sujeitos estão cada vez mais mediadas pelos meios de comunicação, dessa forma é possível identificar personagens que, mesmo em caráter de ficção, podem ser capazes de formar opiniões, ditar comportamentos e reforçar papéis sociais.

A série “13 reasons why” teve sua primeira temporada exibida no Brasil, e no mundo, no ano de 2017. A mesma foi apresentada em 13 episódios com classificação etária para maiores de 16 anos de idade e está disponível para ser assistida no Netflix1. A série retrata uma adolescente, Hannah Baker, que, antes de cometer o suicídio, gravou 13 fitas cassetes explicando as razões que a levaram a tirar a própria vida. Clay, amigo fiel de Hannah Baker recebe as fitas e, por meio dele, é possível assistir os fatos que aconteceram com a protagonista, assim como, a conduta dos/as amigos/as e da escola.

Para isso, serão discutidas as questões relacionadas a sociedade moderna na concepção de Zygmunt Bauman (2001), à adolescência, à violência de gênero e à educação para a sexualidade com bases nos documentos que norteiam a educação no Brasil.

Quanto ao conteúdo, a Netflix (2019) informa<sup>2</sup> que a série contém “cenas que os telespectadores podem considerar perturbadoras, incluindo imagens explícitas de abuso sexual, consumo de álcool e drogas e suicídio” e adverte que “se você ou alguém que você conhece estiver enfrentando um momento difícil” deve acessar o site [13ReasonsWhy.info](http://13ReasonsWhy.info) para obter informações<sup>3</sup>.

A série, ao apresentar as gravações que Hannah deixou com as possíveis explicações e motivos para o seu suicídio, apresentou diferentes adolescentes. E, de maneira, sutil, mostrou as dificuldades de relacionamento desses/as adolescentes com seus pais, além disso, apresentou algumas situações nas quais é possível perceber inseguranças pessoais referentes à aparência física, à sexualidade e à aceitação em uma universidade.

Quanto as questões relacionadas à aparência física e aos padrões de beleza, Bauman (2001, p. 101) apontou que

A obediência aos padrões (uma maleável e estranhamente ajustável obediência a padrões eminentemente flexíveis, acrescento) tende a ser alcançada hoje em dia pela tentação e pela sedução e não mais pela coerção – aparece sob o disfarce do livre-arbítrio [...]

A maior parte da série se passa dentro da escola, por isso é importante ressaltar algumas situações. Já no primeiro episódio foi possível ver a dificuldade dos/as adolescentes em se relacionarem e o uso do álcool e drogas como um facilitador para fazer novas amizades e relacionado a diversão.

Conforme José Carlos Galduroz et. Al. (2010, p. 271)

adolescentes que consomem bebidas alcoólicas podem ter consequências negativas diversas, desde problemas sociais e nos estudos, até maiores agravantes como praticar sexo sem proteção e/ou sem consentimento, maior risco de suicídio ou homicídio e acidentes relacionados ao consumo. Nesse sentido, diversas pesquisas têm buscado identificar fatores associados ao uso de álcool e outras drogas nesta faixa etária da população. Numa amostra representativa dos estudantes de escolas públicas das capitais brasileiras, 8,9% dos adolescentes afirmaram terem feito uso pesado de álcool no mês anterior à pesquisa pode ser um indício de uma séria questão de saúde pública.

A série também colocou que a personagem Hannah e sua amiga Jéssica são novatas na escola e saíram da escola anterior por terem sofrido *bullying*<sup>4</sup>, mostrando a presença desse tipo de violência em mais de um lugar.

Os banheiros utilizados pelos/as alunos/as estavam com pichações feitas pelos/as próprios/as adolescentes com as palavras “morra”, “vadia”, “vagabunda” nas portas. Os/as professores/as e a direção só ficaram cientes do ocorrido pela

mãe de Hannah, após o suicídio, pois ela utilizou o banheiro e levou a informação para a direção que, embora tenham resolvido pintar e cobrir os escritos, acharam pouco relevante e não consideraram como *bullying* ou como um incentivador para o suicídio da personagem principal. É possível constatar também que os/as alunos/as demonstravam falta de confiança e vínculo com os/as professores/as e demais membros da equipe diretiva.

Sobre a escola e seus/suas profissionais, corpo docente, orientador (Senhor Porter) e direção, percebe-se o interesse somente no conteúdo pedagógico, sem considerar a fase “adolescência”, os sentimentos e relações entre os/as alunos/as ou mesmo entre os/as professores/as e alunos/as.

Esse fato é possível perceber no episódio 3, quando uma professora comenta estar abalada com o caso do suicídio e o orientador menospreza a dor da professora, perguntando quantos alunos/as ela tem, demonstrando que são muitos/as e ela não precisa se importar com a Hannah.

A mãe de Hannah também procura pelo diretor que a atende sem empatia e não soube falar sobre o desempenho escolar da garota. Além disso, há uma cena em que o orientador retirou uma página de sua agenda, a página retirada foi a que ele fez o registro de um atendimento com Hannah, dessa forma, o orientador omite que só teve uma conversa com Hannah, na qual discutiram sobre a escolha da Universidade. Nesse encontro ele desmotivou Hannah, comentando somente aspectos negativos e afirmou que ela estava “sonhando grande demais”, que não conseguiria passar na universidade que desejava.

O diretor, ao longo da primeira temporada, demonstrou preocupação apenas com o processo jurídico que a família de Hannah estava movendo contra a escola a culpabilizando pelo suicídio de Hannah.

Trazendo aspectos teóricos, o período da adolescência é um processo construído e reconstruído discursivamente em um determinado meio cultural e histórico. Sérgio Ozella (2002) e Raquel Quadrado (2006), percebem essa etapa como a emergência de um grupo na sociedade moderna. Como contexto, a sociedade capitalista estava em crise, e além de desemprego em massa, havia a necessidade do desenvolvimento tecnológico.

Dessa forma, a necessidade de qualificação fez com que os/as adolescentes fossem mantidos na escola, e, assim, foi constituída essa etapa da vida em sociedade que fica entre a infância e a vida adulta. Conforme Suzana da Conceição de Barros e Paula Regista da Costa Ribeiro (2016, p. 413), em torno da adolescência

foram/são produzidos alguns discursos (rebeldia, sexualidade aflorada, irritabilidade etc.) por diversos campos do saber (Biologia, Psicologia, Sociologia, Comunicação Social etc.), que acabam engendrando a adolescência como uma etapa da vida vivenciada por todos/as de forma igualitária.

Segundo Marília Frassetto de Araujo et. al. (2016), o conceito da adolescência é uma construção sócio histórica, que surgiu a partir da cultura, primeiramente com cunho biológico e posteriormente com as diferenças colocadas através dos sistemas de representação e do conceito de gênero.

Dentre os aspectos a serem ressaltados na adolescência está o “padrão de beleza” imposto pela mídia, no qual é bonito e atraente os garotos que jogam pela escola (corpos atléticos), no caso da série, e meninas magras, porém com seios e quadril fartos.

Assim, é possível constatar na publicidade contemporânea dois aspectos: 1. O homem enquanto personagem, associado a valores dominantes de poder, como sucesso e virilidade; 2. A mulher ligada à noção de sensualidade, em alguns casos à pureza e perfeição anatômicas. (JANUÁRIO, 2014, p. 8)

Judith Butler (apud FIRMINO e PORCHAT, 2017, p. 54-55) afirmou que o conceito de gênero “surgiu para afirmar que as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, mas são significadas e valorizadas pela cultura de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais.”

Para contextualizar e relacionar a série com a realidade, foi utilizado o que o autor Bauman (2001) abordou sobre a modernidade “sólida” e “líquida”. Bauman (2001), através do termo “sólido”, buscou descrever o início da modernidade como uma sua estrutura fixa, que se destaca, entre outras características, por suas regras, normas, padrões e por ser estável. Nesse período as estruturas sociais controlavam o modo de vida dos indivíduos, na qual eram valorizados os relacionamentos duradouros, planos para o futuro, bens materiais como um imóvel próprio por exemplo, entre outras coisas, as quais durassem eternamente ou por um longo tempo. A prioridade era conservar. Essa modernidade “punha a duração eterna como principal motivo e princípio de ação” (BAUMAN, 2001, p. 145).

Segundo Saraiva e Veiga Neto (2009), desde o final do século XX, estão acontecendo grandes mudanças sociais, econômicas e culturais no mundo todo. A modernidade sólida está passando para a modernidade líquida.

A modernidade líquida derreteu tudo o que era — ou parecia ser — sólido, mas não coloca alguma outra coisa sólida em seu lugar. Assim, assume-se a impermanência, a constante mudança de formas, num processo que parece não ter previsão de término. A impermanência torna-se a única constante da Modernidade líquida. “Os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é que importa” (BAUMAN, 2001, p. 8)

Na modernidade líquida (BAUMAN 2001), ocorreram alguns “derretimentos”, e quebras de alguns padrões que prevaleciam na modernidade sólida, tornando então uma sociedade móvel, fluida, instável e instantânea.

A modernidade líquida pode ser entendida como o tempo do efêmero, em que os desejos, gostos, vontades, planos, entre outros, modificam-se o tempo todo. Esse é o tempo do agora, em que não se pensa ao longo prazo, mas, sim, no momento que se está vivenciando. Além disso, também pode ser entendido como o tempo da instantaneidade, em que tudo deve ser realizado e adquirido prontamente, na mesma hora e de forma fugaz. Mas toda essa instantaneidade acaba provocando um desejo por novidade, pois os interesses modificam-se a todo momento. (BARROS; RIBEIRO; QUADRADO, 2014, p. 195)

Laura Liguori (1997, p.85) acrescentou, com seus estudos, que a escola tem o desafio não somente de incorporar as novas tecnologias, mas, também, de “reconhecer e partir das concepções que as crianças e adolescentes tem sobre essas tecnologias” com o propósito de “elaborar, desenvolver e avaliar práticas

pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e usos tecnológicos”.

Além disso, as esferas sociais que correspondem a escola e a família se atenuaram, ou seja, perderam suas forças e, com o aumento dos acessos às tecnologias e meios digitais, a sociedade disciplinar, que educava os corpos diante de determinadas normas punindo os que se desviassem da conduta esperada, deu lugar à sociedade de controle.

A sociedade de controle se caracteriza

pela flexibilidade, interconexão instantânea, mutações e transformações, diminuição de confinamentos, barramento de fronteiras entre público e privado, uso de diversas tecnologias digitais e controle contínuo, que ocorre através de diversas máquinas eletrônicas e informacionais. (BARROS; RIBEIRO; QUADRADO, 2014, p. 197).

Saraiva e Veiga-Neto (2009, p. 195-196) abordam a sociedade do controle “como a cooperação entre cérebros, por meio de redes; dispositivos tecnológicos arrojados, que potencializam a captura da memória e da atenção; processos de sujeição e de subjetivação para formação de públicos”. É a ação sobre as mentes com o objetivo de formar a opinião pública.

Na contemporaneidade, as máquinas tecnológicas, como os smartphones, possibilitam que uma multidão controle a vida de um determinado indivíduo. Na sociedade de controle, as tecnologias digitais produzem outras formas de vigiar e controlar a vida dos indivíduos; possibilitando o monitoramento dos sujeitos e permitindo que os materiais produzidos e registrados, como vídeos, postagens e fotos possam ser vistos e revistos a qualquer momento, por qualquer sujeito.

Relacionando a mídia e a educação em sexualidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 292) possuem os Temas transversais e, dentre eles, há o tema “Orientação Sexual” e, neste documento é afirmado que

A mídia, nas suas múltiplas manifestações, e com muita força, assume relevante papel, ajudando a moldar visões e comportamentos. Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. Também informa, veicula campanhas educativas, que nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser elaborada por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos. A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.

Há também o documento denominado Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, (BRASIL, 2017, p. 8), que defende o ensino de competências gerais, no qual competência é definida como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.”



A série então, que se passa no contexto escolar, foi dividida em 13 episódios que apresentam os motivos que levaram a protagonista Hannah Baker ao suicídio, entre eles destacam-se o *sexting*, termo que

surgiu nos Estados Unidos da América, através da combinação de duas palavras: sexo (*sex*) e mensagem (*texting*). Essa prática consiste no envio de mensagens e imagens de conteúdos sexuais, sensuais e eróticos, por meio das diversas tecnologias, tais como: smartphone, tablets, computadores, entre outros, e em sites de redes sociais (Facebook, Twitter, Whats app etc.), para namorados, ficantes, paqueras, amigos ou para uma multidão de conhecidos e desconhecidos. (BARROS, RIBEIRO E QUADRADO, 2014, p. 193), e os abusos e assédios constantes, o uso do álcool e de drogas ilícitas pelos/as adolescentes, o estupro, o *bullying* e o desamparo/despreparo da equipe escolar que serão contemplados nas análises deste artigo. Isso, fazendo paralelo com a realidade no contexto referido acima.

## METODOLOGIA

O objeto de análise deste trabalho foi a série *13 Reasons Why*. Segundo Wânia Ribeiro Fernandes e nome Vera Helena Ferraz Siqueira (2006), a mídia passou a ter na sociedade contemporânea, grande influência, evidenciando cenas cotidianas, dando sentido e significado a elas e contribuindo na construção de identidades sociais. A mídia passou a agir como mediadora nas relações entre sujeito e sociedade e, por meio de seus discursos, passou a exercer determinados controles sobre questões sociais, tendo o poder de reforçar exclusões e influenciar na subjetividade dos indivíduos. O discurso cinematográfico pode, segundo os autores, ser um instrumento que reproduz padrões, entre eles os de gênero e de comportamentos. Através desse pressuposto, torna-se pertinente analisar tal série a fim de analisar os comportamentos dos/as adolescentes e da equipe escolar, além das situações retratadas.

## DESENVOLVIMENTO – ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para iniciar a análise e discussão dos dados, é importante ressaltar que a sexualidade humana, não é somente o ato sexual, ela inclui os sentimentos, as atitudes bem como as percepções relacionadas à vida sexual e afetiva das pessoas. Ela envolve a manifestação de emoções, de valores, de afeto, de gênero e as práticas sexuais. A sexualidade é um conjunto de concepções culturais, que vai além dos genitais, pois refere-se também a práticas sociais, costumes diversos e ideologias relacionadas a essas práticas. (RIBEIRO, 1990; ANDERSON, 2000; SCHWIER; HINGSBURGER, 2007)

Hannah Baker, personagem principal da série, era uma adolescente estudante do High School nos Estados Unidos, que corresponde ao ensino médio no Brasil, que vivia intensamente esse período movido por paixões e anseios. A primeira situação vivenciada pela garota, é a do *sexting*. Em três momentos diferentes da série (episódios 01 e 04) ocorre a ação, a qual causa constrangimento, depressão e sentimento de rejeição na protagonista.

Mudança de cidade, críticas, xingamentos e culpabilizações são algumas das violências vivenciadas pelas meninas que praticam o

*sexting*; aos meninos, muitas vezes restam elogios e apoio de todos/as, pois culturalmente se instituiu que cabe ao menino/homem vivenciar os prazeres da sexualidade. Outro fator demarcado nessas narrativas é o corte do cabelo das meninas, que nos possibilita pensar a respeito do cabelo como um marcador identitário feminino, associado à beleza e sensualidade da mulher. Tal prática aponta para uma representação hegemônica da mulher como sedutora, responsável por incitar e “tentar” o homem. Assim, ao praticarem o *sexting*, são as meninas as que mais sofrem violências, o que nos possibilita verificar algumas desigualdades em relação às questões de gênero. (BARROS E RIBEIRO, 2016, p.431)

A divulgação das fotos demonstrou a ausência de limites, de rigidez, permitindo a exposição da intimidade, da sexualidade do/a outro/a, desconstruindo o que fazia parte da vida íntima e privada e passando para a esfera pública. O que antes era velado e vivido de maneira íntima, apenas entre as pessoas envolvidas, no caso de um relacionamento, tornou-se público e pertencente a todos/as que tiveram acesso as imagens.

Quanto ao papel da escola, cabe também comentar que uma imagem colocada na rede estará sempre disponível e pode reaparecer a qualquer momento, que perde-se o controle da imagem quando ela é colocada na internet.

O *sexting* está vinculado à sociedade de controle, pois, através desse fenômeno, podemos perceber que vem ocorrendo um enfraquecimento da vigilância individual, ao mesmo tempo em que vemos aumentarem os registros da vida cotidiana por meio de tecnologias digitais. (BARROS; RIBEIRO; QUADRADO 2014, p. 198)

No primeiro momento de divulgação, as fotos distorciam a realidade do primeiro encontro entre a protagonista e o rapaz, denominado na série como Justin Foley. Com a intenção de enganar e fingir que houve relações íntimas entre ele e Hannah, o rapaz tirou fotos da protagonista se divertindo em um parque de uma praça e selecionou apenas fotos que mostravam alguma parte do corpo da garota e sua roupa íntima. Ao compartilhar essas fotos, tirando-as do contexto original, Justin criou um rumor obsceno sobre Hannah Baker, que passou a enfrentar situações de *bullying* no ambiente escolar.

No segundo momento de divulgação, Tyler, o qual demonstrava uma obsessão por Hannah, a perseguiu até sua casa e a fotografou beijando outra garota. O garoto a chantageou, afirmando que se os dois tivessem um encontro, ele não divulgaria as fotos. Hannah recusou e o garoto expos as fotografias.

No terceiro momento, ainda no episódio 3, Clay, amigo de Hannah que ouviu as fitas gravadas por ela ao longo da série, com o objetivo de “fazer justiça”, tirou uma foto de Tyler trocando de roupa no quarto, na qual apareceram suas nádegas e ameaçou divulgá-la para que o menino sentisse o que fez com a garota.

A falta de diálogo e reflexão, fizeram na série, e pode acontecer na vida real, que os/as adolescentes quisessem descontar as situações com a mesma vivência negativa que tiveram.

Segundo Caroline Amaral, Suzana da Conceição de Barros e Paula Regina Costa Ribeiro (2018, s/p.),

Os aparelhos celulares, câmeras, tablets e tantos outros dispositivos eletrônicos nos possibilitam troca de mensagens, imagens e vídeos de



maneira rápida, muitas vezes instantânea. Assim, as tecnologias vão modificando as formas como nos relacionamos uns com os outros e com nós mesmos. Com isso, nossa rotina – estudar, comer, praticar atividades físicas, relacionamentos – acabam deixando de ser algo do âmbito do privado e passando a ser passível de exposição em sites de relacionamentos, aplicativos e redes sociais.

Essa prática de trocas de mensagens, imagens, vídeos através das redes sociais vem esculpindo novas maneiras de viver a sexualidade. Ela traz para o âmbito público o que foi constituído em nossa sociedade como sendo do âmbito privado, tais como: a nudez, as relações sexuais, entre outros. (AMARAL; BARROS; RIBEIRO, 2018).

Trazendo essa questão para as diferenças de gênero, quando as garotas vivenciam o *sexting*, elas são culpabilizadas e violentadas de maneira agressiva tanto por outras garotas como pelos garotos, enquanto os garotos são exaltados e idolatrados por compartilharem tais imagens. Isso ocorre pois está estabelecido na sociedade que os garotos devem sentir prazer, assim como manter relações sexuais desde cedo, já as garotas devem adiar o início da vida sexual e não demonstrar desejos sexuais e nem sentir prazer.

Quanto ao beijo homossexual entre duas garotas, que ocorre no episódio 4, Flávio Henrique Firmino e Patrícia Porchat (2017) afirmaram sobre a naturalização e essencialização do gênero e da heterossexualidade, a qual é amplamente tratada e divulgada nas mídias (novelas, séries, filmes, desenhos, materiais didáticos, revistas e na publicidade). Com isso, o que se vende é a ideia da heterossexualidade como a única forma viável de existência, e conseqüentemente, a homossexualidade como algo considerado fora do normal. Então, o garoto que persegue Hannah, ao divulgar as fotografias, tinha como objetivo constranger as garotas em relação a forma como expressaram sua sexualidade/desejo naquele momento.

A BNCC (BRASIL, 2017, p. 479-480) trabalha com o campo da vida pessoal, o qual deve se organizar

de modo a possibilitar uma reflexão sobre as condições que cercam a vida contemporânea e a condição juvenil no Brasil e no mundo e sobre temas e questões que afetam os jovens. As vivências, experiências, análises críticas e aprendizagens propostas nesse campo podem se constituir como suporte para os processos de construção de identidade e de projetos de vida, por meio do mapeamento e do resgate de trajetórias, interesses, afinidades, antipatias, angústias, temores etc., que possibilitam uma ampliação de referências e experiências culturais diversas e do conhecimento sobre si. No escopo aqui considerado, a construção de projetos de vida envolve reflexões/definições não só em termos de vida afetiva, família, estudo e trabalho, mas também de saúde, bem-estar, (...). Nesse sentido, esse campo articula e integra as aprendizagens promovidas em todos os campos de atuação.

Como não houve nenhuma reflexão e nem atitude da escola, Hannah passou a ser excluída pelos/as colegas, e os garotos e garotas que se aproximavam estavam apenas buscando envolvimento afetivos rápidos e sem sentimentos, pois, ao ter sua intimidade exposta, a protagonista passou a ser vista como uma

pessoa permissiva e os/as colegas se sentiam no direito de não respeitá-la, fazendo piadas de mau gosto e a excluindo do restante do grupo.

É importante colocar que por mais que a sociedade esteja avançando com os movimentos feministas, ainda existem padrões de comportamento e o controle é realizado agora de maneira digital. (BAUMAN, 2001, 2008). Os comportamentos são ditados pela publicidade e vigiados pelas redes sociais, assim, postar corresponde a se expor para a avaliação e acompanhar, seguir, curtir, correspondem a supervisionar, controlar e, dessa forma, a pessoa que posta nas redes sociais, se expõe de maneira que “agrada”, que atenda as expectativas de quem o/a assiste. Por fim, “o *sexting* pode ser considerado uma faceta da sociedade baseada no consumismo, pois o corpo e a sexualidade também se tornaram mercadorias que devem ser vendidas”. (BARROS; RIBEIRO; QUADRADO, 2014, p. 196).

Começaram a circular pela escola assuntos sobre a vida íntima de Hannah, e ela passou a ser chamada de nomes como “vadia”. Nos episódios 3 e 6 ela foi assediada, primeiramente por um garoto que apalpou seu corpo sem autorização dentro de um mercado e posteriormente por um garoto tentou beijá-la e tocá-la a força dentro de uma lanchonete. Quando instantaneamente a protagonista reagiu demonstrando que não gostou e não consentiu, ela foi chamada de “fácil” e foi desprezada. A protagonista revelou sentir culpa referente a esses acontecimentos.

Se a escola tivesse mais envolvimento com as situações que ocorriam dentro da escola, poderiam promover palestras e debates que provocassem o acolhimento e a reflexão dos/as alunos/as dentro dessas situações retratadas nas séries.

A BNCC (BRASIL, 2017) também sugere a criação de “Núcleos de estudos” os quais devem desenvolver estudos e pesquisas, promover fóruns de debates sobre um determinado tema de interesse e disseminar conhecimentos por meio de eventos – seminários, palestras, encontros –, publicações, campanhas e sugere que o tema da sexualidade seja discutido dessa maneira. A escola pode identificar a demanda que surge e promover essa problematização, visto que é o local seguro, adequado e o trabalho está amparado na BNCC.

A série demonstrou então amizades que fazem e se desfazem rapidamente e tão logo são substituídas, amores que começam, terminam e recomeçam com outras pessoas em sequência. Saraiva e Veiga-Neto apontam que (2009, p. 193), “O que importa agora é a satisfação imediata dos desejos, que tão logo satisfeitos se transformam em outros novos desejos a satisfazer.”

Após as situações nas quais Hannah sofreu assédio, foi excluída e julgada por diversos/as amigos/as, ela sentiu a necessidade de se expressar e começou a fazer isso por meio da escrita. A personagem escreveu um poema<sup>5</sup> falando de seus sentimentos e do pensamento em tirar a própria vida. Um colega, com quem Hannah compartilhou o poema, o divulgou por meio de uma revista da escola que era elaborada pelos/as próprios/as alunos/as. Os/as alunos/as tiveram acesso, leram e teceram comentários como “Uma vadia que se ferrou é quem deve ter escrito isso”. A protagonista se chateou ainda mais e sentiu que não tinha amigos/as e não podia confiar em ninguém.

A professora do colégio, para aproveitar que estava trabalhando o conteúdo de sonetos, leu o poema escrito por Hannah em voz alta na sala de aula. Foi

possível identificar conteúdos que demonstravam falta de interesse pela vida, além dos sentimentos de solidão, julgamento e incompreensão. A professora, que nesse momento, representava o corpo docente da escola, preferiu não levar em consideração os indícios de um possível suicídio de um/a aluno/a. Não procurou discutir com os/as adolescentes o tema e nem dialogou sobre como é possível ajudar uma pessoa que está enfrentando adversidades, ela também não se colocou à disposição para uma conversa confidencial com o/a autor/a do poema.

A partir dessa situação de não atuação da professora, e da equipe escolar como um todo - percebeu-se que a escola estava - e, sem generalizar, mas na contemporaneidade também está - na contramão das experiências e realidades dos/as alunos/as. Estavam/estão alinhados com tempos diferentes.

Para Saraiva e Veiga-Neto (2009, p.198),

A escola que hoje conhecemos, apesar das muitas transformações, ainda mantém um forte vínculo com a escola disciplinar da Modernidade sólida. (...) Ela não foi pensada para ser uma escola de prazer, uma escola para atender os desejos imediatos das crianças. O funcionamento da maquinaria escolar não era movido pelo desejo, mas pela vontade. Um dos grandes ensinamentos era justamente este: dominar o desejo, desenvolver a vontade. A satisfação prevista pela escola disciplinar era adiada para o final do ano, para o final do ciclo, para a vida adulta, para o futuro. A sala de aula era um lugar de trabalho. O único prazer admissível era o prazer de aprender aquilo que estava sendo ensinado. A escola da Modernidade sólida pensava no longo prazo, em uma temporalidade linear e contínua.

Para isso, também é válido lembrar de Michel Foucault (2007) que em suas pesquisas percebeu que a sociedade disciplinar prezava pela normalização de maneiras de ser e estar na sociedade; assim, os corpos que saíam às regras e normas de conduta sofriam punições, com a finalidade de encaixar esses corpos dentro dessas normas. Para tanto, a escola, instituição disciplinar, castigava os/as alunos/as que apresentassem desvios, para que o comportamento não ocorresse novamente.

No caso da série, a escola se apresentou neutra, se preocupou somente em seguir a norma, como se não estivesse vivenciando as transições para a sociedade do controle, da instantaneidade, da superficialidade das relações e dos profundos pedidos de socorro em decorrência disso.

Glaucia da Silva Britto (2006, p. 279), confirmou que a instituição escolar diante da inserção das tecnologias encontra-se com três caminhos a serem seguidos, “repelir as tecnologias e tentar ficar fora do processo; apropriar-se da técnica e transformar a vida em uma corrida atrás do novo; ou apropriar-se dos processos, desenvolvendo habilidades que permitam o controle das tecnologias e de seus efeitos.”

O que se pode perceber é que as instituições escolares precisam acompanhar as mudanças da modernidade e se adaptar a sociedade do controle, que está atrelada e submetida às mídias digitais, isso para entender e atender não só os/as alunos/as mas toda a comunidade escolar. Pois, o que se vê, muitas vezes, são as instâncias da família e escola, principalmente, trabalhando de maneira ultrapassada, sem atender as necessidades contemporâneas dos/as alunos/as, as quais estão previstas nos documentos, como a BNCC (BRASIL, 2017).

Foi possível perceber também, por meio das cenas que mostraram o orientador e o diretor, que a instituição não se preocupou com os relacionamentos dos/as alunos/as. Relacionamentos não consistem somente em namoros, mas também em amizades. No episódio 5, Tyler procurou o Senhor Porter (orientador) para dizer que estava sofrendo *bullying* e contou que alguns alunos abaixaram sua calça no corredor. Senhor Porter respondeu questionando Tyler sobre o que ele poderia estar fazendo que estava provocando essa ação e questionou-o sobre como ele poderia se proteger, ou seja, ocorreu a culpabilização da vítima e a falta de apoio combinada com ação da instituição escolar, mesmo quando solicitada claramente.

Após algumas situações de exclusão, falta de respeito dos/as amigos/as para com Hannah, ela presenciou o estupro de uma amiga por um rapaz da escola, o personagem Bryce. A amiga estava alcoolizada deitada em seu quarto, quando o rapaz entrou e a violentou. Por medo, Hannah escondeu esse assunto de todos/as.

No episódio 12, Hannah, ainda muito abalada e vulnerável com todos os acontecimentos, foi à uma festa na casa do referido Bryce e, após insistência dos amigos/as, aceitou entrar de roupa em uma banheira de hidromassagem. Quando os/as demais amigos/as saíram, Bryce a forçou a ter relação sexual com ele. Ela tentou sair da banheira, mas ele usou a força física para segurá-la. Ele presumiu que se ela entrou na banheira, é porque queria ter relações sexuais com ele. Dessa forma, a protagonista foi estuprada pelo mesmo garoto que estuproou sua amiga.

Após esse acontecimento, a personagem buscou ajuda com o orientador educacional, Mr. Porter, (episódio 13), comentou sutilmente sobre o estupro e Porter, o orientador, a questionou se teria sido realmente abuso ou se ela teria vindo confessar arrependimento por ter consentido. A conversa seguiu até que o orientador dizer que, em algumas situações, a única alternativa é seguir a vida. A jovem demonstrou indícios de que pretendia cometer o suicídio, mas não recebeu ajuda. O orientador educacional, nesse momento da série, apenas perguntou se Hannah desejava formalizar uma acusação de estupro e perguntou o nome do aluno acusado. Como Hanna ainda se sentia insegura com a situação, se sentindo culpada e confusa com a violência que sofreu, apenas deixou a sala e após a situação, ao chegar em casa, cometeu suicídio.

Com a cena relatada foi possível identificar a ação da escola, que acontece por meio do orientador educacional (episódio 13), como segregada e desumana, tendo em vista que desconfiou da aluna, questionando se de fato ocorreram abusos ou se ela havia consentido e se arrependido. Depois, considerou somente o estupro e o ato de formalizar a acusação, e não os sentimentos da protagonista e o seu fortalecimento e acolhimento para que conseguissem chegar até o estágio final que seria o de deixá-la segura e amparada para denunciar o abusador.

Porter poderia pensar em ações, em conjunto com a equipe da escola, para proteger as alunas e conscientizar os alunos bem, como as alunas sobre a violência de gênero, o consentimento e o respeito à mulher. Além de poderem e deverem discutir sobre os malefícios do álcool e drogas, pensando em um projeto em que os/as alunos/as fossem presentes e tivesse sentido para eles/as

A BNCC (BRASIL, 2017, p. 564), embora cite muito pouco a sexualidade e a violência contra a mulher especificamente, cita que é necessário “Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.” Ou seja, a escola tem o dever

de combater a violência, cabe à equipe gestora colocar no planejamento momentos para que ocorram essas intervenções. É importante que o planejamento esteja definido, porém, seja flexível para atender as demandas que ocorrem durante o ano.

Com o desfecho da primeira temporada e o suicídio de Hannah Baker, fica o fato preocupante se comparado com a “vida real” pois, segundo a Organização Mundial da Saúde (World Health Organization - WHO, 2010), o suicídio é uma das três principais causas de morte entre pessoas de 15 a 44 anos e é a segunda principal causa de morte entre pessoas de 10 a 24 anos. De acordo com o Ministério da Saúde (2009), o suicídio é responsável por 24 mortes por dia no Brasil e três mil no mundo todo, isso sem levar em consideração as tentativas frustradas.

Assim, torna-se pertinente o trabalho com a educação em sexualidade. No Brasil ele está previsto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, p. 287), o mesmo

Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro.

Segundo documento da UNESCO,

A educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade. A educação em sexualidade está presente em todos os espaços de socialização – família, escola, igreja, pares, trabalho, mídia –, mas ocorre de forma pulverizada, fragmentada e desassociada de um plano de sociedade inclusiva baseada nos direitos humanos. Portanto, torna-se relevante a atuação do sistema educacional na tarefa de reunir, organizar, sistematizar e ministrar essa dimensão da formação humana. (Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem. 2014, p. 11)

Na série, a escola foi apresentada como um lugar onde se educam as mentes, sem considerar os corpos, local que foca somente os conteúdos curriculares como matemática, química, física, dentre outras matérias, e que deixa de lado os sentimentos, afetos, questões relacionadas a amizades, namoros, orientação sexual, enfim descobertas e vivências que ocorrem nesse período e dentro dos muros da instituição escolar, onde os/as adolescentes passam a maior parte de seu tempo. E, de acordo com os trechos dos documentos apresentados, percebe-se a escola como local adequado para tais discussões e problematizações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série obteve um alcance muito grande por meio do Netflix e o público alvo da mesma são os/as adolescentes. É preciso não somente assisti-la como um entretenimento, mas sim como uma possibilidade de exploração, problematização, discussão, desconstrução e construção das temáticas postas em evidência. Em outras palavras, quando assistida com criticidade e problematização, pode contribuir positivamente com a comunidade escolar.

A democratização da internet e das demais tecnologias digitais trouxeram novos modos de se relacionar, seja de maneira saudável ou não, como no caso do surgimento do *sexting*, que envolve a exposição da sexualidade com a finalidade de adquirir popularidade e visibilidade social, seja nas redes sociais ou mesmo perante os/as amigos/as.

Ainda sobre a prática do *sexting*, os vídeos e fotos sensuais e eróticas trocados não são descobertos pelas esferas sociais e tradicionais da sociedade disciplinar (família e a escola principalmente). Os/as “donos/as” da imagem, ao compartilhá-la na rede, perdem o controle da mesma e essas imagens passam a ser vistas e compartilhadas por todos/as por meio das tecnologias digitais e podem reaparecer em qualquer momento da vida dessas pessoas, 5 anos mais tarde, ou 20 anos mais tarde, por exemplo.

É uma visão simplista classificar os/as adolescentes envolvidos/as na série entre bons e maus, o que é apresentado, é a reprodução de comportamentos impostos quanto ao gênero, no qual o jovem que tem relacionamentos com muitas garotas é visto como “garanhão” e a jovem que apresenta o mesmo comportamento é vista como “fácil” e é desvalorizada. O *sexting* só acontece com as personagens femininas ou com os meninos que os/as alunos/as julgam como homossexuais, os/as adolescentes não tiram fotos e compartilham corpos masculinos heterossexuais.

Na série, percebe-se ainda que os/as jovens, amigos/as de Hannah que receberam as imagens dela, passaram a julgá-la mal por sua possível conduta obscena, mas não se importaram com a pessoa que tornou aquele conteúdo público. O ato de tirar fotos da garota sem sua permissão, divulgá-las na intenção de expor, compartilhar aquele conteúdo e acima de tudo a prática de *bullying* não foi percebida, nem julgada pelos/as estudantes e professores/as da escola.

É possível identificar em Hannah o desejo de se expressar e viver sua sexualidade de maneira livre, fora das categorias identitárias e de sequências normatizadoras, abrindo um campo de manobra que poderia proporcionar para a escola a oportunidade de combater uma matriz que encontra o potencial de “assujeitamento” justamente na imobilidade das identidades.

No entanto, a escola permanece na “sociedade disciplinar” e não se movimenta e articula para entender a “sociedade do controle”, assim como não percebe as necessidades de intervenções para poder possibilitar aos/às seus/suas alunos/as discussões e problematizações quanto a ética dentro das relações, sejam elas de amizade ou de namoro, seja o namoro heterossexual ou homossexual.

Após o suicídio de Hannah, a escola realizou ações como colar cartazes com conteúdo contra o suicídio, fez também uma reunião com os pais e mães pertencentes a comunidade escolar na qual afirmam que não há *bullying* na escola, e que o caso “da menina” (eles não dizem o nome dela) é um caso isolado. Além disso, também pintaram as pichações no banheiro. Ações superficiais que



influenciaram apenas os muros da escola, mas que foram sem envolvimento dos/as alunos/as e da comunidade escolar, ou seja, sem significado, não afetaram os/as alunos/as que estão dentro desse espaço físico e dão vida e função a ele.

Durante os 13 episódios da série, foi possível identificar que as situações de *bullying*, a exposição dos/as alunos/as e as agressões sejam elas verbais ou físicas foram frequentes entre os/as mesmos/as e aconteciam diariamente dentro do ambiente escolar, como citado ao longo do artigo. Foram citadas outras situações nas quais professores/as, funcionários/as, a direção e até o orientador educacional trataram de maneira superficial, e até mesmo ignoraram as situações explícitas de *bullying*. Foi possível notar também que a escola não apresentou envolvimento com os/as familiares/responsáveis pelos/as estudantes.

A escola é um espaço onde a prática do pensamento crítico e debates para essa formação podem e devem acontecer. Cabe aos/às professores/as terem essa premissa quando chegam à escola, por meio de formação inicial e continuada, que atribua às questões de sexualidade, a qual envolve sentimentos, relacionamentos de namoros ou amizades, relacionamentos afetivos heterossexuais ou homossexuais e questões de gênero. Sendo uma valoração importante para o desenvolvimento e novos conhecimentos dos/as jovens.

Portanto, a análise da série revelou que é essencial a ação do corpo escolar para a problematização da sexualidade, das relações de gênero e da diversidade a partir de questões éticas e sociais que permitam que os/as adolescentes reflitam sobre seus relacionamentos entre pares, com a família, na comunidade, com responsabilidade, respeito, dignidade e criticidade. A educação escolar é parte fundamental nesse processo de mudança social.

A escola entendida como direção, corpo docente e funcionários é fundamental como um dispositivo pedagógico que tem o poder de contribuir de maneira ética e saudável com a educação em sexualidade de meninos e meninas, pois ao ser aceito o que a mídia veicula e ao construir e produzir significados e identidades sobre os discursos, estamos reproduzindo estigmas e estereótipos.

Assim, com a equipe escolar aberta e atenta às vidas que estão em formação, é possível realizar trabalho efetivo na sala de aula, que proporcione além do conteúdo pedagógico, mas uma formação humana que abarque o modo de viver e se relacionar dos/as adolescentes. Com a promoção do acolhimento, possivelmente as questões apresentadas na série seriam tratadas com atenção, criticidade e responsabilidade e o suicídio da protagonista poderia ser evitado, assim como, as frequentes situações de *bullying* e o abuso do álcool e das drogas.

## 13 Reasons Why: Education in sexuality and analysis of the behaviors and situations of the series.

### ABSTRACT

The article sought to discuss, from the first season of the series "13 Reasons Why", some situations and behaviors of students and school employees. The cinematographic discourse can be an instrument that reproduces patterns, among them the ones of gender and of behaviors. For this, the modern society was discussed in the conception of Bauman, the sexting and issues related to education for sexuality in the school context, considering the documents in force in Brazil on the subject. In the series, the school is presented as a place where minds are educated, without considering bodies, when the school is provided as a suitable place for such discussions and problematizations.

**KEYWORDS:** Liquid Modernity. Sexuality education. Adolescents.

## 13 Reasons Why: Educación en sexualidad y análisis de los comportamientos y situaciones de la serie.

### RESUMEN

El artículo buscó discutir, a partir de la primera temporada de la serie "13 Reasons Why", en Brasil: "Las 13 razones del por qué", algunas situaciones y comportamientos de los / as estudiantes y funcionarios / as de la escuela. El discurso cinematográfico puede llegar a ser un instrumento que reproduce patrones, entre ellos los de género y de comportamientos. Para ello, se discutió la sociedad moderna en la concepción de Bauman, el sexting y cuestiones relacionadas a la educación para la sexualidad en el contexto escolar, considerando los documentos vigentes en Brasil en cuanto a la temática. En la serie, la escuela se presenta como un lugar donde se educan las mentes, sin considerar los cuerpos, cuando se prevé la escuela como local adecuado para tales discusiones y problemas.

**PALABRAS CLAVE:** Modernidad líquida. Educación sexua. Adolescentes.

**NOTAS**

<sup>1</sup> A Netflix é um serviço de transmissão online que permite aos assinantes assistir séries, filmes e documentários em aparelhos conectados à internet. O serviço está disponível para mais de 130 países.

<sup>2</sup> Por meio de seu site <https://www.netflix.com/br/title/80117470#section-content-warning> visitado em 21 /mai/2019.

<sup>3</sup> No caso do Brasil, o site informa o contato do CVV (Centro de Valorização da Vida), o qual realiza apoio emocional e prevenção do suicídio.

<sup>4</sup> O *bullying* consiste em comportamento agressivo e persistente por parte de um agressor que, como consequência, provoca danos físicos e/ou morais em um ou mais estudantes (vítimas). As provocações têm caráter ofensivo e degradante. Mesmo com sinais claros de que a vítima não está gostando, o agressor continua a fazer de maneira intencional e contínua. (OLWES, 1993)

<sup>5</sup> “Hoje estou usando lingerie preta. Apenas pelo propósito de saber que as estou usando. E debaixo disso? Estou absolutamente nua. E tenho pele. Milhas e milhas de pele. Tenho pele para cobrir todos meus pensamentos como um embrulho plástico que você pode ver através dele as sobras da noite passada que estão dentro. E apesar do que você possa pensar, minha pele não é áspera; nem à prova de balas. Minha pele é macia, e lisa, e facilmente lacerada. Mas isso não importa, certo? Você não liga para quanto minha pele é macia. Você só quer saber o que meus dedos fazem no escuro. Mas e se tudo que eles fizerem for abrir janelas? Para que eu possa ver os relâmpagos através das nuvens. E se tudo que eles anseiam for um trepa-trepa para escalar para sentir o gosto do ar fresco? “E se tudo que eles alcançam é um caderno ou uma mão para segurar? Mas essa não é a história que você quer. Você está lambendo os lábios e rangendo os dentes. Por pelo menos uma vez eu gostaria de ser a direção que alguém caminha. Eu não quero ser a água na fonte. Eu não quero ser a fonte. Mas eu gostaria de não ser mais o chão. Eu gostaria de não ser a coisa que as pessoas enfiam a mão. Algumas garotas sabem todas as letras para as músicas uma da outra. Elas encontram harmonia em suas risadas. Seus cotovelos conectados ecoam no tom. E se eu não conseguir cantarolar no ritmo? E se minhas melodias são aquelas que ninguém ouve? Algumas pessoas podem reconhecer uma árvore, um jardim da frente, e saber que chegaram em casa. Em quantos círculos eu posso andar antes de desistir de procurar? Quanto tempo até eu me perder de vez? Deve ser possível nadar no oceano da pessoa que você ama sem se afogar. Deve ser possível nadar sem você mesmo se transformar em água. Mas eu continuo engolindo o que eu pensava ser ar. Eu continuo encontrando pedras amarradas a meus pés.”

**REFERÊNCIAS**

AMARAL, Caroline. BARROS, Suzana da Conceição de. RIBEIRO, Paula Regina Costa. Pedagogias culturais sobre *sexting*. **Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade** [recurso eletrônico] /organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande: Ed. da FURG, 2018.

ANDERSON, Orieda Horn. **Doing what comes naturally?** – dispelling myths and fallacies about sexuality and people with developmental disabilities. Illinois/ USA: High Tide Press, 2000.

ARAUJO, Marília Frassetto; ROSSI, Célia Regina; TEIXEIRA, Marília Filomena Rodrigues; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Projeto De Futuro Na Dimensão Sócio Afetiva: Como Se Constroem As Percepções De Alunos/As Do Ensino Secundário Em Portugal E Do Ensino Médio No Brasil. **Reflexão e Ação** (UNISC. Impr.), v. 24, p. 192 – 213. 2016.

BARROS, Suzana da Conceição; RIBEIRO, Paula Regina da Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **Sexting**: entendendo sua condição de emergência. EXEDRA: Revista Científica. p. 192 - 213. Dez. 2014.

BARROS, Suzana da Conceição; RIBEIRO, Paula Regina da Costa. O *sexting* e o dispositivo da sexualidade. **Ensino em Revista**. Uberlândia, MG|v.23|n.2|p.411-436|jul./dez./2016ISSN: 1983-1730 DOI: <<http://dx.doi.org/10.14393/ER-v23n2a2016-5>>

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 436 p. 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRITO, Gláucia da Silva. Tecnologias para transformar a educação. **Educ. rev.** [online]. 2006, n.28. jul/dez. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602006000200018>>. Acesso em 08/abr/2019.

FERNANDES, Wânia Ribeiro.; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz. Cinema e relações de gênero: ouvindo mulheres idosas. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa E Pós-Graduação em Educação, 29., 2006, Caxambú. **Anais...** Caxambú: ANPED, 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2327--Int.pdf>>. Acesso 28/dez/2018.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./jun. 2017. ISSN: 1413-2060 DOI: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

GALDUROZ, José Carlos F et al. Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 267-273. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102010000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000200006&lng=en&nrm=iso)>. Último acesso em 28/dez/2018.

JANUÁRIO, Soraya Barretto. **Homens em revista**: gênero, cultura e imagem nas representações masculinas na Publicidade. Trabalho apresentado no GP Publicidade - Marcas e Estratégias do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2014.

LIGUORI, Laura. As novas tecnologias da Informação e da Comunicação no campo dos velhos problemas e desafios educacionais. In: LITWIN, Edith. (Org.). **Tecnologia Educacional**: política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio**: Manual dirigido a profissionais da saúde da atenção básica. Brasília, OPAS/Unicamp, 35 p. 2009.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**. What we know and what we can do. Oxford UK: Blackwell. 1993.

OZELLA, Sergio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: KOLLER, Sílvia Helena. **Adolescência e Psicologia**: Concepções práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes**: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo. Rio Grande: FURG, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) –Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande -FURG, Rio Grande, 2006.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual**: além da informação. São Paulo: EPU, 1990.

SCHWIER, Karin Melberg; HINGSBURGER, Dave. **Sexuality- your sons and daughters with intellectual disabilities**. 3. ed. Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co., 2007.

SARAIVA, Karla, & VEIGA-NETO, Alfredo. (2009). Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. **Educação e Realidade**, 34(2), p. 187-201.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. – Brasília. 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Participant manual** - IMAI One-day Orientation on Adolescents Living with HIV Geneva. 2010. Disponível em: [http://whqlibdoc.who.int/publications/2010/9789241598972\\_eng.pdf](http://whqlibdoc.who.int/publications/2010/9789241598972_eng.pdf). Acesso em: 21/mai/2019.

**Recebido:** 28 dez. 2018.

**Aprovado:** 16 mai. 2019.

**DOI:** 10.3895/cgt.v12n39.9270

**Como citar:**

ARAUJO, Marília Frassetto de; ROSILHO, Ana Luísa; ROSSI, Célia Regina. 13 Reasons Why: Educação em sexualidade e análise dos comportamentos e situações da série. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v.12, n. 39, p. 283-302, jan./jun., 2019.

**Correspondência:**

Marília Frassetto de Araujo. Av. Lourenço Ducati, 443. CEP: 13405-208, Vila Rezende, Piracicaba - São Paulo, Brasil.

**Direito autoral:**

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

